

O COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA

EM AÇÃO

9ª Edição



CICV

Juntos, fazemos a diferença

ÍNDICE

03

MENSAGENS

Nossos doadores são sinal de esperança para o mundo

05

O CICV

Há 160 anos ao lado da humanidade

07

EM RESUMO

Relatos em primeira mão do terreno

10

BRASIL

O desaparecimento de pessoas: nossas ações no Brasil

13

ÁFRICA

Insegurança alimentar

15

VOCÊ PODE SALVAR AINDA MAIS VIDAS

Um ato de generosidade que transforma o mundo

04

LEGADO

Por que deixar um legado para o CICV?

06

CONVENÇÕES DE GENEVRA

Os 75 anos das “leis da guerra”: um chamado à humanidade

08

EMERGÊNCIAS

2023: um ano de crise após crise

12

CONFLITOS NO MUNDO

Guerra urbana

14

PARA ONDE O SEU DINHEIRO VAI

O orçamento e as operações do CICV

O CICV em ação

Edição: Comitê Internacional da Cruz Vermelha | Editor-chefe: Sylvie Pellet | Contribuíram para essa edição: Marie-Jo Girod Blanc, Marieke Haeck, Alexandre Formisano, Bruno Nascimento de Paula, Cristiano Pereira, Daniela Moretto, Gabriela Melamedoff, Isabela Leiva Rosa, Mario Cesar Cajé Júnior, Sandra Lefcovich, Vanessa Higa | Design: Brandlift Genève.

EQUIPE DE RELACIONAMENTO COM O DOADOR

NOSSOS CANAIS DE CONTATO

Se você tiver qualquer pergunta ou comentário sobre algum artigo desta revista, entre em contato conosco.

📞 61 98124 0511

📞 0800 878 2445

✉️ doador@cicv.org.br

O horário de atendimento é de 2ª a 5ª feira, das 9h às 20h e 6ª feira, das 9h às 18h, exceto feriados.

Foto da capa: Uma agricultora recebe sementes do CICV durante uma distribuição na República Democrática do Congo.



CICV

Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV)
Delegação Regional para Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai
SHIS QI 15 Conjunto 05 Casa 23
CEP 71635-250, Brasília – Brasil



EDITORIAL

UMA MISSÃO CENTRADA NAS PESSOAS

Caro leitor, caro leitora, eu não sei exatamente quem você é ou onde está, mas espero sinceramente que você esteja seguro e protegido. Estar em segurança e se sentir protegido, aliás, pode parecer algo corriqueiro para grande parte de nós, mas infelizmente esta não é a realidade de milhões de pessoas ao redor do mundo. E é justamente por isso que o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, o CICV, existe: para proteger e assistir as pessoas afetadas por conflitos armados e outras situações de violência. Ao contribuir com o nosso trabalho, você faz parte dessa missão. **Portanto, antes de tudo, muito obrigado!**

A sua doação nos traz muita alegria, mas também um enorme senso de responsabilidade. Ao longo destas páginas você vai saber um pouco mais sobre o que temos feito – aqui no Brasil e em outros lugares. Para nós, é muito importante que você conheça o nosso trabalho e se sinta participante desta rede global de pessoas que acreditam na empatia e na compaixão como respostas para as grandes crises da humanidade.

Em 2024, o CICV, presente em mais de 100 países, tem dialogado com governos e sociedades ao redor do mundo sobre a importância de valorizar e cumprir as “leis da guerra”, baseadas nas Convenções de Genebra, que completaram 75 anos em agosto. **Muito tempo se passou desde 1949, mas a ideia de que até as guerras devem ter limites não envelheceu. Esse argumento, que pode parecer simples, foi revolucionário no passado, segue sendo essencial atualmente e continuará assim no futuro.**

Infelizmente, nada indica que estamos caminhando neste sentido. Em maio, em seu discurso no Conselho de Segurança da ONU, a presidente do CICV, Mirjana Spoljaric, enfatizou que o mundo está testemunhando um número sem precedentes de conflitos armados, que aumentaram seis vezes nos últimos 25 anos, atingindo um número alarmante de mais de 120.

Assim como vários outros países, o Brasil não está envolvido em nenhum conflito armado. No entanto, o mandato do CICV também inclui o que a organização chama de outras situações de violência, como a violência armada, que também geram graves consequências humanitárias para a população.

Acreditamos que a união de forças com as autoridades e a sociedade civil para responder a estes problemas humanitários, como o desaparecimento de pessoas e os impactos da violência armada para o acesso a serviços públicos essenciais, constitui a razão da nossa presença aqui. Você, que já conhece um pouco do nosso trabalho, deve ter percebido que estamos aqui com as pessoas e pelas pessoas afetadas. E esse seguirá sendo o nosso compromisso, o mesmo assumido desde a fundação do CICV, há mais de 160 anos.

ALEXANDRE FORMISANO
CHEFE DA DELEGAÇÃO REGIONAL DO CICV
PARA ARGENTINA, BRASIL, CHILE, PARAGUAI E URUGUAI

UM SINAL DE ESPERANÇA

O Comitê Internacional da Cruz Vermelha continua salvando vidas há mais de 160 anos somente graças a generosa doação de pessoas como você.

Ano após ano, continuamos trabalhando incansavelmente para salvar vidas de pessoas afetadas por conflitos armados e outras formas de violência ao redor do mundo.

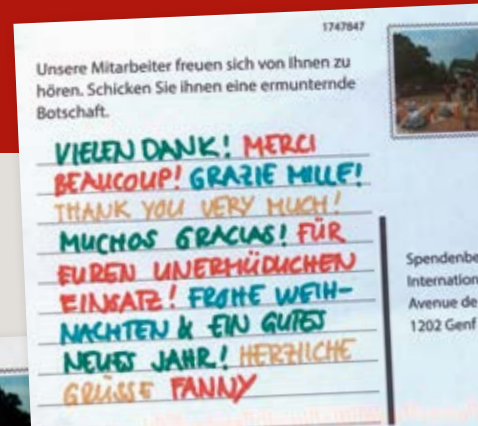
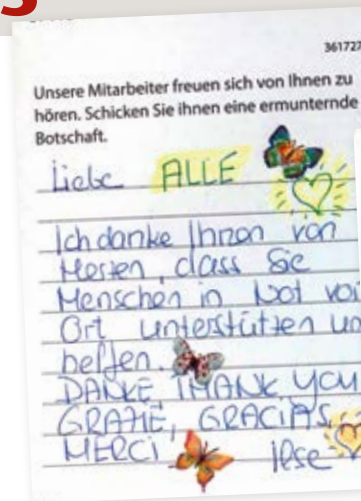
E quando recebemos mensagens de apoio, esperança e encorajamento dos nossos doadores, ficamos imensamente gratos e honrados. Principalmente porque é a doação de pessoas como você que tornam o nosso trabalho possível.

“Parabéns pela coragem em ajudar os mais necessitados. Continuem trazendo esperança e vida a este mundo. Obrigado!”

“Admiro muito tudo o que vocês fazem para levar assistência onde ela é tão necessária. Nestes tempos difíceis, espero que vocês encontrem um pouco de paz.”

“O trabalho humanitário que vocês realizam para salvar vidas e ajudar os mais necessitados é inspirador. Continuaremos a apoiá-los pelo resto de nossas vidas e além. Obrigado do fundo de nossos corações.”

A sua doação e o seu compromisso com nosso trabalho é prova de que cada vez mais, a humanidade se recusa a abandonar aqueles cujas vidas foram devastadas pela guerra.



“Meu nome é Naomi. Meus amigos da escola e eu fizemos pulseiras e chaveiros para vender e doamos o dinheiro arrecadado para a caridade.

Eu doeí minha parte para o CICV porque minha mãe trabalha lá e porque há muitas guerras no mundo hoje, e eu sei que o CICV pode realmente ajudar.

Acho que devemos doar dinheiro para o CICV, porque em todas essas guerras, há muitas pessoas tristes. Com o seu dinheiro, elas poderiam sorrir novamente. Todos nós podemos fazer a diferença!”

O PODER DO SEU TESTAMENTO

Saiba como deixar um legado em seu testamento para o Comitê Internacional da Cruz Vermelha: um ato de generosidade que vai salvar muitas vidas.

“É profundamente inspirador ver como um legado deixado ao CICV pode salvar e transformar vidas, criando um impacto duradouro que atravessa gerações.”

Bruno Nascimento de Paula
Especialista em Filantropia do CICV



M. Kotic/CICV

O que é um Legado e por que os legados são importantes para o trabalho do CICV?

Deixar um Legado significa lembrar do CICV em seu Testamento.

A maioria dos doadores deixa para o CICV decidir como usar seus legados. Esse forte voto de confiança nos dá a flexibilidade necessária para agir rapidamente em emergências e ajudar e proteger pessoas afetadas por conflitos que já não estão mais em destaque.

Um legado “pequeno” realmente é útil para o CICV?

Sim. Qualquer legado, mesmo modesto, é significativo. É uma forma de demonstrar apoio ao CICV e proporcionar um futuro de esperança para pessoas afetadas por conflitos armados ao redor do mundo. Seu legado, seja grande ou pequeno, ajudará a salvar muitas vidas.

Como incluir o CICV no meu Legado?

Como o termo “Cruz Vermelha” está aberto a diversas interpretações, certifique-se de mencionar o nome completo e o endereço da sede global CICV, que fica na Suíça, em seu testamento

Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV)
IDE: CHE-105.924.024
19 Avenue de la Paix
1202 Genebra, Suíça

Preciso informar ao CICV sobre minhas intenções?

A privacidade de nossos doadores é sempre primordial, e você não tem absolutamente nenhuma obrigação de nos informar sobre seus planos. No entanto, gostamos de poder agradecer aos nossos doadores por seu gesto generoso e garantir que sua generosidade seja lembrada pelas gerações futuras.

Também é importante lembrar que você pode revogar ou alterar seu testamento a qualquer momento.



Saiba mais apontando a câmera do celular para o QR code ao lado. Faça uma simulação do seu testamento usando nossa ferramenta exclusiva.



Bruno Nascimento de Paula
Especialista em Filantropia
Tel: 11 97580-9879
E-mail: bpaula@icrc.org

HÁ 160 ANOS AO LADO DA HUMANIDADE



"As casas estavam destruídas por crateras, reduzidas a estilhaços e em ruínas, e os seus moradores, que tinham se escondido, agachados em porões sem luz ou comida, por quase vinte horas, começavam a sair rastejando, olhando à sua volta, atordoados pelo terror que haviam passado."



Estas palavras poderiam ter sido escritas em 2023, descrevendo a experiência de pessoas encurraladas pelo caos dos conflitos na Ucrânia, em Gaza e Israel, no Iêmen, no Sudão... Na verdade, foram escritas por Henry Dunant, fundador do CICV, há 160 anos. Ele criou o que viria a se tornar a maior rede humanitária do mundo.

Foi em 1859, durante uma viagem de negócios à Itália, que a vida de Dunant deu uma reviravolta dramática: ao passar por Solferino, onde os exércitos francês e austríaco travavam uma batalha sangrenta, ele ficou horrorizado ao ver cerca de 40 mil soldados abandonados mortos ou feridos no campo de batalha. Após o choque inicial, ele se recompôs e decidiu fazer alguma coisa. Com a ajuda da população local, organizou o cuidado dos feridos de ambos os lados, garantindo que recebessem água, cobertores e alimentos, que pagou do próprio bolso, e que as últimas palavras dos moribundos fossem ouvidas, para que pudessem ser repassadas às suas famílias.

Em 1862, de volta a Genebra, Dunant publicou um livro intitulado Lembrança de Solferino, no qual fez um apelo para o estabelecimento de sociedades nacionais de socorro, identificadas por um emblema padrão e para a adoção de um tratado internacional para proteger os feridos no campo de batalha.

Esta visão se tornou realidade em 17 de fevereiro de 1863, quando um grupo de cidadãos de Genebra criou o Comitê Internacional de Socorro aos Feridos, que se tornaria o Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV). Em 22 de agosto do ano seguinte, 16 Estados assinaram um tratado que consagrava a obrigação de proteger os soldados feridos e as pessoas e equipamentos envolvidos no cuidado deles. Este foi o precursor das Convenções de Genebra.

Embora naquela época as vítimas das guerras fossem na sua maioria soldados, isso mudou com a Segunda Guerra Mundial, em que o número de vítimas civis foi tão elevado como o de soldados mortos em combate. Como resultado, a comunidade internacional decidiu rever as convenções em vigor naquela época, levando à adoção, em 1949, de um novo instrumento jurídico, a Quarta Convenção de Genebra relativa à Proteção das Pessoas Civis em Tempo de Guerra.

Hoje, 160 anos após a sua fundação, o CICV continua trabalhando tanto na sua sede em Genebra, como no terreno – atravessando fronteiras, culturas e conflitos – prestando assistência às pessoas afetadas pela guerra e outras formas de violência, garantindo que os seus direitos segundo o Direito Internacional Humanitário (DIH) sejam defendidos e trabalhando incansavelmente para promover os princípios humanitários fundamentais. Por este trabalho humanitário, Henry Dunant e o CICV receberam o Prêmio Nobel da Paz em 1901, 1917, 1944 e 1963.

OS 75 ANOS DAS “LEIS DA GUERRA”: UM CHAMADO À HUMANIDADE

Assista ao vídeo
e saiba mais!



M. Wassermann/CICV



**COM ISSO
ESTAMOS
TODOS
DE ACORDO**

Muita gente, possivelmente a maioria da população mundial, concorda com a afirmação de que as guerras são sempre uma tragédia para a humanidade. Uma ideia menos conhecida, porém, é a de que os conflitos armados têm limites definidos por leis e que quem não está envolvido em disputas por poder, territórios ou recursos deve ser sempre protegido. No dia 12 de agosto deste ano, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) relembrou a adoção, há 75 anos, das Convenções de Genebra, também conhecidas como as “leis da guerra” e que constituem a base do que os juristas definem como direito internacional humanitário (DIH).

Para lembrar este momento de união e destacar a importância das Convenções como um marco civilizatório, o CICV tem difundido em 2024 o slogan “Com isso estamos todos de acordo”. A ideia é reforçar que o cumprimento das Convenções de Genebra não é opcional e que não varia quando há mudanças políticas, como transições de governo. Todos os países concordaram e todos devem cumprir as regras. Alguns exemplos:

- As partes em conflito deverão sempre distinguir entre a população civil e os combatentes.
- As pessoas que não participam – ou que já não podem participar – nas hostilidades têm direito a que a sua vida e a sua integridade física e moral sejam respeitadas. Essas pessoas serão, em todas as circunstâncias, protegidas e tratadas com humanidade.
- É proibido matar ou ferir um adversário que tenha deposto as armas ou que esteja fora de combate.
- É proibido o uso de armas ou métodos de guerra que possam causar perdas desnecessárias ou sofrimento excessivo.
- Os feridos e doentes serão assistidos pela parte em conflito em cujo poder se encontrem. Profissionais de saúde, instalações, meios de transporte e materiais sanitários serão protegidos. Os emblemas da Cruz Vermelha, do Crescente Vermelho e do Cristal Vermelho devem ser respeitados durante os conflitos armados.
- Os combatentes e civis capturados têm o direito de ter as suas vidas, dignidade, direitos pessoais e convicções (políticas, religiosas ou outras) respeitadas.

Em poucas palavras, o DIH nos aponta um caminho para que todos, mesmo os inimigos, sejam vistos como seres humanos. Mas por que, afinal, pessoas continuam morrendo e sofrendo nos conflitos armados? Isso acontece quando os conflitos não são travados da maneira prevista pelo DIH. Ou seja, quando as partes envolvidas não agem conforme suas obrigações e os outros países não exercem pressão suficiente para que as regras sejam de fato cumpridas. Apesar de serem a ferramenta mais poderosa para proteger os civis durante os conflitos armados, as Convenções só têm força à medida que são colocadas em prática.

O que mais vemos no noticiário são casos em que o DIH não é respeitado. Somos confrontados com crimes de guerra, o uso de crianças-soldados, ataques indiscriminados a civis e maus-tratos a detidos. Por outro lado, o cumprimento das leis é menos visível, não vira notícia. **Quando hospitais não são bombardeados, pessoas não são mortas e a infraestrutura vital é poupada, o impacto positivo é enorme, mas a visibilidade, não. No entanto, esses momentos servem como lembretes poderosos de que a lei humanitária pode funcionar como um freio ao comportamento destrutivo durante as guerras - e que estaríamos em uma situação muito pior sem o DIH.**

As equipes do CICV testemunham os efeitos positivos do DIH todos os dias. Nossa própria capacidade de trabalhar - visitando detentos, repatriando pessoas falecidas, atuando em hospitais e tendo acesso livre para ajudar a quem mais precisa: tudo isso só é possível graças ao DIH. Ao entrar em uma zona de conflito, os trabalhadores humanitários do CICV não escolhem nenhum lado. Pelo contrário: se concentram em salvar vidas e aliviar o sofrimento, independentemente do passado, crenças ou ações de quem precisa de nós. Por tudo isso, enquanto os conflitos armados forem uma triste realidade da condição humana, o CICV servirá como guardião do DIH. Afinal, a humanidade, a compaixão e a empatia presentes em todos nós devem falar mais alto em quaisquer circunstâncias.

EM 2023, O MUNDO FOI ABALADO POR UMA CRISE HUMANITÁRIA APÓS OUTRA. AQUI ESTÃO APENAS ALGUNS RELATOS EM PRIMEIRA MÃO DAS NOSSAS EQUIPES NO TERRENO E DAS PESSOAS AS QUAIS TENTAM AJUDAR.



SUDÃO

O conflito forçou quase cinco milhões de pessoas a fugirem e custou a vida de inúmeros civis. “Nesta dura realidade, vejo mulheres, crianças e idosos, cujas cidades e vilarejos foram saqueados e pilhados e que, como consequência, não têm comida, água potável ou cuidados médicos”, declarou o diretor regional do CICV para a África, Patrick Youssef. “O CICV conseguiu cruzar a linha de frente e levar assistência vital. Também evacuamos ou facilitamos a liberação de centenas de indivíduos mais vulneráveis.”



UCRÂNIA

À medida que os combates se intensificam na Ucrânia, a população continua sofrendo os efeitos da violência extrema. A prioridade agora é reconstruir as suas casas danificadas antes da chegada do inverno rigoroso. As nossas equipas forneceram materiais de construção a uma aldeia no sul do país para ajudar a consertar telhados destruídos. Zinaida, uma das beneficiárias, explica: “Agradecemos ao CICV pela ajuda. Graças ao apoio de vocês, estaremos aquecidos neste inverno.”



Assista ao depoimento de Suzanne, que salva vidas em Gaza.

ISRAEL E TERRITÓRIOS OCUPADOS

“Se a violência contra os estabelecimentos de saúde continuar, o custo humano será extremamente alto. As pessoas feridas ou doentes devem ser protegidas em todas as circunstâncias.” Estas são as palavras de advertência do chefe da subdelegação do CICV em Gaza, William Schomburg. Imagens de hospitais e ambulâncias destruídos são inaceitáveis. Os estabelecimentos de saúde são santuários para as pessoas feridas e doentes e para as milhares de pessoas deslocadas com direito à proteção segundo o DIH. Eles devem ser poupados.

KARABAKH

Kamo Hayrapetyan vive em um centro comercial abandonado, que as nossas equipes visitam regularmente para prestar assistência a ele e às outras pessoas que buscaram refúgio aí. Kamo conta: “Eles vêm nos ver, ver como estamos e até trazem pacotes de ajuda humanitária com muitas coisas, incluindo pão com manteiga.” Os nossos colegas no terreno estão trabalhando incansavelmente, percorrendo os centros das cidades e as aldeias montanhosas à procura de sinais de vida, para poderem levar ajuda a quem teve que permanecer no lugar.

AFEGANISTÃO

A vida é um desafio para o povo afegão. Em outubro, uma série de terremotos atingiu a província de Herat, resultando em milhares de vítimas. Abdul, uma dessas vítimas, recorda: “Estávamos sentados dentro de casa quando, de repente, ouvimos uma forte explosão. Queríamos sair, mas depois percebemos que era um terremoto. Acabamos soterrados pelos escombros e os nossos vizinhos tiveram que nos resgatar. Não temos mais nada. Perdemos tudo.” O CICV apoia o hospital provincial de Herat, onde as pessoas feridas no desastre procuraram ajuda.

2023: UM ANO DE CRISE

APÓS CRISE



Este ano, assistimos ao desenrolar de uma crise humanitária após outra e testemunhamos os efeitos traumáticos sobre os civis no mundo todo:

- a intensificação da violência armada em Gaza e Israel, cujas imagens assombram milhares de pessoas ao redor do mundo desde outubro de 2023;
- as inundações na Líbia, que destruíram bairros inteiros, deixaram milhares de pessoas mortas e causaram o deslocamento de dezenas de milhares de outras;
- os devastadores terremotos na Turquia e na Síria, em Marrocos e no Afeganistão, que causaram destruição em grande escala e deixaram milhares de vítimas;
- o conflito no Sudão, que, desde o momento em que eclodiu, em abril de 2023, resultou em uma enorme perda de vidas e em deslocamentos em massa;
- a escalada das hostilidades em Nagorno-Karabakh, que forçou comunidades inteiras a fugirem da região;
- e sem esquecer os conflitos que continuam assolando muitos outros países no mundo todo.

Onde quer que ocorram guerras e outros tipos de violência, o CICV trabalha arduamente para aliviar o sofrimento das pessoas afetadas por elas, esforçando-se para proteger as vidas humanas e a dignidade mediante uma ampla gama de atividades humanitárias. Sem exceção, a nossa prioridade é estar ao lado da humanidade.



Gaza e Israel*

O sofrimento que testemunhamos em Gaza e Israel é verdadeiramente angustiante. Desde outubro de 2023, milhares de pessoas foram mortas e dezenas de milhares de outras ficaram feridas, incluindo muitas crianças. Em Israel, as famílias dos reféns (mais de 240 pessoas) continuam sem notícias dos seus entes queridos, enquanto mais de 200 mil israelenses ainda estão deslocados. Em Gaza, quase 1,5 milhão de pessoas estão deslocadas e as suas casas e bairros foram reduzidas a escombros.

No final de outubro de 2023, enviamos a Gaza uma equipe de dez especialistas, incluindo cirurgiões de guerra. Também enviamos caminhões transportando material médico e produtos para purificação de água, entre outros artigos de necessidade urgente.

Os relatos em primeira mão que recebemos todos os dias dos nossos colegas no terreno são tão comoventes quanto assustadores. Muitos dos seus pacientes são crianças com lesões graves, sobretudo queimaduras, que são difíceis de tratar, sobretudo em um contexto em que o material médico está se tornando dolorosamente escasso. As nossas equipes temem que em breve tenham que realizar cirurgias sem anestesia. O desespero é palpável entre a população e os pais se sentem particularmente desamparados frente ao sofrimento dos seus filhos.

Embora todos os olhos estejam voltados para Gaza e Israel, a violência também está aumentando na Cisjordânia, onde mais de 150 pessoas perderam a vida e outras duas mil ficaram gravemente feridas.

As necessidades humanitárias na região são colossais. O CICV, que está presente em Israel e nos territórios ocupados desde 1967, mobiliza as suas equipes de emergência para ajudar os civis, em colaboração com a Sociedade do Crescente Vermelho Palestino e Magen David Adom em Israel.

*Como todos os artigos desta revista, este artigo foi escrito no início de novembro de 2023. A situação no terreno sem dúvida terá mudado quando você ler estas palavras, portanto, visite o nosso site www.icrc.org/pt para obter as informações mais recentes.

O DESAPARECIMENTO DE PESSOAS: NOSSAS AÇÕES NO BRASIL



A atuação do Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) ao redor do mundo não se limita a contextos marcados por conflitos armados. No Brasil, por exemplo, o CICV se dedica a cooperar com autoridades e com a sociedade civil para elaborar e implementar respostas às consequências humanitárias da violência armada, sendo uma delas o desaparecimento de pessoas.

As estatísticas indicam que o fenômeno do desaparecimento é preocupante no Brasil. De acordo com o Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP), de 2015 a maio de 2024, foram registrados mais de 716 mil desaparecimentos e 413 mil localizações de pessoas. Apenas entre 2019 e 2021, 183.379 pessoas desapareceram no País.

Em linhas gerais, a atuação do CICV na temática do desaparecimento no Brasil tem três enfoques:

1. Apoio na compreensão deste fenômeno e da sua relação com a violência armada;
2. Colaboração com as autoridades e
3. Apoio aos familiares de pessoas desaparecidas.

O diálogo com as autoridades se dá nos âmbitos nacional e estadual, principalmente em São Paulo, Rio de Janeiro, Distrito Federal e Fortaleza, por meio da promoção de sessões de capacitação, da apresentação de recomendações técnicas e do acompanhamento de ações realizadas por órgãos públicos e por algumas organizações da sociedade civil.

Para o CICV, porém, falar apenas com os governos e autoridades não é suficiente. A participação dos familiares em todo o processo de busca por soluções e melhorias para enfrentar a problemática do desaparecimento é essencial.

Em junho de 2024, o CICV apoiou a realização da Segunda Conferência Nacional de Familiares de Pessoas Desaparecidas. No evento, que reuniu mais de 70 pessoas em São Paulo, representantes de grupos e associações de seis estados compartilharam suas histórias, desafios e conquistas na busca por respostas e reconhecimento. A Conferência consolidou a aliança de grupos e associações em um movimento nacional para facilitar a troca de experiências e a definição de atividades futuras. Ao apoiar eventos como este, o CICV contribui para reforçar que as famílias têm direito a ter informações, uma voz ativa no processo de fortalecimento da política nacional de pessoas desaparecidas e, sobretudo, esperança.

Um pouco antes, em maio, foi realizado, na cidade de Fortaleza, o lançamento do documentário *‘É mais do que se vê: os impactos invisíveis da violência armada’*. Um desses impactos é justamente o desaparecimento de pessoas. Ao reunir depoimentos de pessoas afetadas, o documentário ajuda a dar visibilidade a esta dor, muitas vezes solitária e silenciosa.



Para Girliany Costa, mãe de Douglas Barros, jovem que está desaparecido desde 2019, o evento e a participação no documentário foram oportunidades de visibilizar não só a sua luta, mas a do coletivo ‘Mulheres de fé com Esperança’, formado em 2020 com apoio do CICV, e que reúne familiares de pessoas desaparecidas. “O Comitê Internacional me apoiou e continua me apoiando para eu não desistir da luta que é a procura pelo Douglas”, disse.

“Um dos objetivos dessa produção foi mostrar que fenômenos de violência armada não são isolados. São fenômenos coletivos”, afirmou o chefe da Delegação Regional do CICV no Brasil, Alexandre Formisano. Para ele, à medida que as consequências da violência se tornam mais visíveis, as respostas para esses impactos acontecem de forma mais direcionada por meio de programas e políticas públicas multidisciplinares.

Em cinco anos de presença na capital cearense, um dos resultados mais importantes desse trabalho de cooperação foi a criação do Comitê Estadual de Enfrentamento ao Desaparecimento de Pessoas do Ceará (Decreto Estadual nº 34.953) e do Núcleo de Enfrentamento ao Desaparecimento.

Mais que números, estatísticas, documentos ou leis, estamos falando de rostos, histórias de vida interrompidas, famílias sem respostas, falta de compaixão e empatia. O silêncio causa ainda mais dor. Por isso, o CICV seguirá atuando na busca de soluções e de oportunidades para dar visibilidade e voz a todos que sejam impactados por essa dor terrível.

GUERRA URBANA

VER A SUA CIDADE MORRER



Hisham Mhamma/CICV

Durante séculos, as guerras ocorreram em campos de batalha, com os exércitos adversários lutando entre si em campos abertos. As cidades eram por vezes sitiadas, claro, mas os combates quase nunca aconteciam nas ruas. Os conflitos de hoje são totalmente diferentes. Os conflitos armados contemporâneos ocorrem muitas vezes em vilarejos e cidades densamente povoadas, com bairros residenciais que tornam-se um cenário trágico para a violência que causa um sofrimento indescritível a quem vive neles.

Infelizmente, as consequências humanitárias devastadoras da guerra urbana só piorarão. Estima-se que, até 2050, cerca de 70% da população mundial viverá em vilarejos e cidades que já estão sob pressão e lutando para se adaptar à rápida urbanização.

A MAIORIA ESMAGADORA DAS VÍTIMAS SÃO CIVIS INOCENTES

Seja em Mosul, Aleppo, Mariupol, Sanaa, Carcóvia, Gaza, Cartum ou em qualquer outro lugar, as nossas equipes testemunham diariamente a realidade insuportável de centenas de milhares de homens, mulheres e crianças que estão encurralados por bombardeios e fogos de artilharia que deixam os seus vilarejos e cidades em ruínas. Durante décadas, o uso de armas explosivas pesadas – como foguetes, mísseis ou grandes dispositivos explosivos

improvisados – tem sido o modo de combate padrão, seja em campos de batalha abertos ou em grandes centros urbanos. Mas quando estas armas são usadas em áreas densamente povoadas, os seus efeitos são devastadores e, muitas vezes, indiscriminados.

Não é de surpreender que a esmagadora maioria das vítimas sejam civis inocentes. Vemos todos os dias as suas imagens: as pessoas mortas, feridas e mutiladas, que sofrerão durante anos, talvez até para o resto da vida, com os traumas físicos e psicológicos que suportaram.

Os conflitos urbanos também causam a destruição parcial ou total de serviços essenciais dos quais as pessoas dependem para sobreviver. Quando os sistemas de água e saneamento, o fornecimento de eletricidade e os serviços



Alyona Synenko/CICV

de saúde são interrompidos ou falham, as consequências para as pessoas que os usam são terríveis.

As mortes evitáveis se tornam inevitáveis à medida que as doenças e as epidemias se espalham. Quem está doente e ferido morre desnecessariamente por falta de cuidados.

A violência e a destruição generalizadas obrigam as pessoas a abandonarem as suas casas. Sem os seus meios de subsistência, os seus pertences e as suas redes de apoio, estas pessoas enfrentam inúmeros perigos enquanto se deslocam. E quando conseguirem chegar a um lugar mais seguro, a sua nova comunidade de acolhimento terá dificuldade em absorvê-los, porque eles próprios também estão à beira do colapso. Além da sua busca desesperada por alimentos e assistência à saúde – entre outros bens e serviços essenciais de que necessitam – quem fugiu tem que viver com o medo e a preocupação constantes, não só pela sua própria segurança, mas também pela dos seus familiares e amigos, com quem perderam contato.

Embora o impacto imediato da guerra urbana seja traumático, as consequências a longo prazo não são menos alarmantes.

Vilarejos e cidades que já foram palco de combates estão repletos de armas não detonadas que continuam matando e mutilando muito depois de as hostilidades terem terminado. A reconstrução de casas e infraestruturas essenciais é extremamente dispendiosa e pode levar anos. Como resultado, as pessoas deslocadas muitas vezes não conseguem regressar às suas casas no médio ou longo prazos.

Quem tem condições – especialmente engenheiros, urbanistas, profissionais de saúde e professores – muitas vezes parte para o exterior em busca de uma vida melhor. A falta desses profissionais especializados é prejudicial para os programas de reconstrução que os países devastados pela guerra precisam. Se um sistema educacional em funcionamento não é

restabelecido rapidamente, por exemplo, uma geração inteira de crianças pode ser privada de escolaridade durante vários anos.



É importante, no entanto, que as Convenções de Genebra e outras normas do DIH estabeleçam claramente a obrigação, em tempos de conflito armado, de proteger os civis e os bens civis. Esta obrigação deve ser uma prioridade estratégica no planejamento e na condução de operações militares. As partes em um conflito são obrigadas a tomar todas as precauções possíveis para evitar causar vítimas civis e danos a bens civis.

A VIOLÊNCIA E A DESTRUIÇÃO EM MASSA OBRIGAM AS PESSOAS A FUGIREM DAS SUAS CASAS

O CICV e todo o Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho se esforçam por prevenir e mitigar as consequências humanitárias da guerra urbana. Trabalhamos em conjunto com as Sociedades Nacionais usando um enfoque multidisciplinar e integrado que combina atividades de prevenção, proteção e assistência especificamente adaptadas aos ambientes urbanos. Estas atividades incluem a **distribuição da ajuda tão necessária, a reparação de infraestruturas danificadas, a formação e o fortalecimento das capacidades dos prestadores de serviços locais e a elaboração de planos de preparação para emergências**, para citar apenas algumas. Este importante trabalho ajuda a prevenir o colapso dos serviços essenciais e ajuda a tirar milhões de pessoas da terrível situação em que se encontram. Outro aspecto importante do nosso trabalho é promover o respeito pelo Direito e a proteção dos civis pelas partes envolvidas em um conflito e nos mais altos níveis internacionais.

O CICV participou recentemente de uma ampla consulta multilateral de três anos liderada pela Irlanda, na qual as Nações Unidas, vários dos seus Estados membros e diversas organizações da sociedade civil assumiram um papel ativo. Em 18 de novembro, o processo culminou na adoção de uma declaração política internacional sobre o fortalecimento da proteção dos civis contra as consequências humanitárias decorrentes do uso de armas explosivas em áreas povoadas. A declaração, adotada por 83 Estados, está sendo amplamente promovida com vista à sua universalização e dá esperanças renovadas de que o imenso sofrimento infligido aos civis deixará de ser aceito como uma consequência inevitável da guerra. Marca uma mudança de mentalidade e envia um sinal forte aos beligerantes no mundo todo de que devem mudar as suas práticas militares para proteger os civis, conforme exigido pelo DIH.

**NUNCA É DEMAIS REPETI-LO:
OS CIVIS E OS BENS CIVIS NUNCA
DEVEM SER ALVO DE ATAQUES.**

INSEGURANÇA ALIMENTAR



A fome na África não é uma coisa do passado. Infelizmente, as pessoas ainda passam fome em todo o continente.

A África enfrenta a pior crise de custo de vida da última geração. O aumento dos preços tornou quase impossível para muitas famílias comprar os alimentos de que necessitam – ao ponto de milhões de pessoas correrem o risco de morrer.

As pessoas já enfrentaram escassez sazonal de alimentos no passado, mas a sua situação hoje é pior, exacerbada por choques climáticos mais intensos e frequentes – como as secas recordes no Chifre de África e na região do Sahel – e os efeitos a longo prazo da pandemia de covid-19 na economia e no custo de vida e, acima de tudo, nos conflitos armados em curso e outras ameaças à segurança das pessoas.

Dos 20 países que têm o maior número de pessoas que não têm acesso seguro a alimentos suficientes, nove são países africanos atualmente afetados por conflitos armados ou outras formas de violência: Burkina Faso, República Centro-Africana, República Democrática do Congo, Etiópia, Mali, Nigéria, Somália, Sudão do Sul e Sudão.

Os conflitos armados dificultam o acesso aos alimentos de várias maneiras. Obriga as pessoas a fugirem das suas casas, o que prejudica o abastecimento de alimentos nas comunidades que as acolhem. Expõe os agricultores e criadores de gado ao perigo enquanto realizam o seu trabalho diário, o que reduz a sua produção. E desestabiliza ou mesmo interrompe serviços essenciais que apoiam a produção de alimentos e permitem a prestação de assistência à saúde adequada em tempos de crise.

O CICV, juntamente com os seus parceiros do Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, trabalha incansavelmente



A. Mohamed/CICV

para reduzir os riscos que os conflitos armados e outras violências representam para as comunidades e lhes fornecer alimentos e outros itens essenciais.

Trabalhamos na África há quase 90 anos, o que significa que temos condições de chegar às comunidades afetadas por conflitos que outras organizações não conseguem. Identificamos o que as pessoas necessitam com urgência e respondemos de maneira rápida, dando prioridade às pessoas mais gravemente afetadas pela violência e cujo acesso aos alimentos é menos seguro. As pessoas estão sempre no centro do que fazemos e é por isso que trabalhamos em estreita colaboração com as comunidades para determinar a melhor forma de ajudá-las a lidar com a crise e se tornarem mais autossuficientes.

Aminata Ouedraogo e a sua filha, Amiratou, são originárias de Ouahigouya, em Burkina Faso. Aminata lidera uma cooperativa de 60 mulheres que cultivam vegetais para sustentar as suas famílias. O CICV lhes forneceu sementes e equipamentos agrícolas para ajudá-las a melhorar a sua produção. As mulheres ficaram muito felizes ao ver a sua terra florescer – um reflexo do trabalho árduo e da determinação delas.

No hospital que recebe apoio do CICV em Baidoa, Wiilo Maalim Nuuro está sentada na beira da cama, embalando a filha, Nafiso. A menina de dois anos sofre de desnutrição grave, para a qual está recebendo tratamento vital no hospital. Para esta mãe e outras na mesma situação, chegar até aqui já é um desafio enorme, mas frente à crise alimentar que assola a Somália, este hospital é a sua última esperança.



Valentin Mano/CICV

O ORÇAMENTO E AS OPERAÇÕES DO CICV

CONHEÇA O
CAMINHÃO DA
SUA DOAÇÃO!



A SUA DOAÇÃO NOS PERMITE AGIR RAPIDAMENTE

O CICV é financiado inteiramente por contribuições voluntárias, como a sua doação.

A SUA DOAÇÃO VAI PARA ONDE É MAIS NECESSÁRIA

Os nossos especialistas avaliam a situação em cada país, determinam o que a população mais vulnerável precisa e leva ajuda para eles.



VOCÊ ESTÁ AJUDANDO A REUNIR FAMÍLIAS

Reunimos famílias que se separaram durante uma crise ou guerra.



A SUA DOAÇÃO LEVA ESPERANÇA

Você está ajudando a dar às pessoas um novo começo ao financiar a compra de equipamentos agrícolas e de pesca.



VOCÊ SALVA VIDAS

As nossas equipes fornecem bens e serviços essenciais – comida, água, cobertores, artigos de higiene, utensílios de cozinha, remédios, assistência à saúde – que salva muitas vidas.



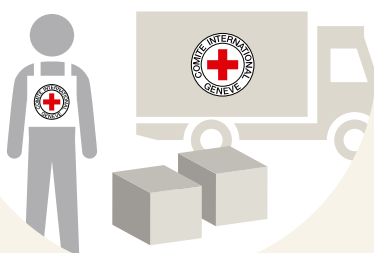
VOCÊ ESTÁ PROPORCIONANDO UM FUTURO MELHOR PARA AS PESSOAS AFETADAS

A sua doação pode oferecer a comunidades inteiras um futuro melhor ao nos ajudar a reconstruir a infraestrutura essencial, como hospitais e redes de abastecimento de água.

**Com o seu apoio contínuo,
podemos ajudar a dar um
futuro melhor às pessoas
afetadas por conflitos**

Mais de 93%

de todas as
doações individuais
são destinadas às operações do
CICV no terreno



Aumento de 70%

das necessidades
em 10 anos na Ucrânia, em Gaza
e em mais de 100 países ao redor
do mundo



O orçamento do
CICV é financiado
inteiramente por
contribuições
voluntárias



VOCÊ PODE SALVAR AINDA MAIS VIDAS

Para salvarmos vidas, precisamos chegar rapidamente onde somos necessários.

Quando conflitos armados surgem, nossas equipes são enviadas sem demora para ajudar aqueles cujas vidas estão sendo ameaçadas.

Em 2023, assim como em anos anteriores, as crises humanitárias surgiram de forma intensa e rápida – na Síria, Sudão, Líbia, Afeganistão, Somália, Israel e Gaza – causando destruição e sofrimento. Nossa resposta rápida só é possível com a ajuda dos nossos doadores, pessoas como você. Cada doação salva vidas e alivia o sofrimento de famílias ao redor do mundo.

DOE AGORA E SALVE VIDAS: UM ATO DE GENEROSIDADE QUE TRANSFORMA O MUNDO!

Ao doar, você fornece alimento, abrigo, água limpa e ajuda médica que aliviam o sofrimento humano em meio às guerras.



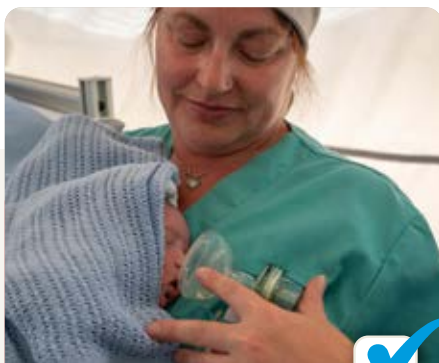
Chave PIX: doe@cicv.org.br

Você também pode abrir o aplicativo do banco na área PIX e escanear o QR CODE ao lado para realizar sua doação.



COM R\$42

você alimenta 1 família vítima da violência extrema.



COM R\$88

você apoia 5 hospitais com remédios e ajuda médica que salvam vidas.



COM R\$150

você protege 10 famílias contra doenças mortais, mas evitáveis.



CICV

Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV)

Canais de contato com a Equipe de Relacionamento com o Doador
61 98124 0511
0800 878 2445
doador@cicv.org.br
O horário de atendimento é de 2ª a 5ª feira, das 9h às 20h e 6ª feira, das 9h às 18h, exceto feriados.

**A SUA DOAÇÃO É UM SINAL DE ESPERANÇA
PARA QUEM MAIS PRECISA DE AJUDA EM
MEIO AS GUERRAS. MUITO OBRIGADO!**